

Disforia e magistério: relato de um professor transmasculino

MAGNUS MATTEO CARDOSO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Pela primeira vez, um aluno perguntou: "Tio, você trocou de nome?". Eu, surpreendido com a pergunta, mal tive tempo de pensar numa resposta. Minha aluna mais nova, de 9 anos, respondeu irritada: "Oxi, o nome dele é Magnus, se ele mudou não é da sua conta, é o tio Magnus". Eu não seria tão grosseiro, mas a resposta serviu. Essa troca entre nós marcou meu dia. O menino não ficou envergonhado, só entendeu. A menina virou o rosto e continuou sua tarefa. E eu, voltei para casa pensando naquilo. Não foi um tumulto, desconforto ou grande problema. Ele queria entender, provavelmente estava guardando a pergunta a tempos, talvez tenha chegado a ela após conversar com algum adulto sobre seu professor que tem peitos. Já ela, talvez também tenha se perguntado em algum momento, mas concluiu que não era da sua conta. Achei interessante a dualidade, mas acima dela, a facilidade que as crianças têm de se resolverem sozinhas, quando se é adulto nada é tão simples.

Eu sou Magnus Matteo Cardoso. 23 anos atrás eu nasci, o médico disse que era menina para minha mãe, e depois ela para mim, e eu não concordei com aquilo. Em algum momento, uma palavra, um gênero, parou de fazer sentido. Masculino demais para ser mulher, feminino demais para ser homem, não encontrava conforto em nenhum dos dois gêneros. Depois de muito lutar para me encaixar numa régua social que só me apresentaram duas opções, conheci a não binariedade. Conhecê-la me libertou. Muitas das minhas angústias vinham de não me sentir pertencente a esse mundo, eu só não entendia de onde vinha esse desencaixe. Olhava para um lado e para o outro e não conseguia me enxergar. Quando me relacionei pela primeira vez com uma mulher trans minha forma de olhar o mundo mudou. Nosso relacionamento me fez questionar muitas coisas, encontrar respostas e até nomear sentimentos.

Comecei a pesquisar sobre identidade de gênero para entender ela, e acabei me reconhecendo ali. Entendi que não era apenas esquerda e direita, homem mulher, existem muitas outras identidades. Foi daí que me entendi uma pessoa trans, afinal havia um nome que me sentia pertencente. Hoje já não sou confuso pois existe uma identidade que me sinto identificado, transmasculino. Me identifico mais com o que socialmente é visto/lido/atribuído

Disforia e magistério: relato de um professor transmasculino

MAGNUS MATTEO CARDOSO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

como masculino, do que com o feminino. Não sou homem trans, em algum momento já pensei ser. Mas nunca me senti 100% legal com a ideia de ser visto como homem. A binariedade me traz uma certa agonia e limitação. Sinto que na transmasculidade e não-binariedade, sou acolhido e validado por ser quem sou. Vale pontuar que a transmasculinidade é um termo guarda-chuva, que abrange diversas identidades de gênero masculinas em pessoas trans. Esse conceito existe como uma forma de legitimar as múltiplas formas de se viver a masculinidade.

Atualmente também tenho sido estudante de Pedagogia na UNIRIO e tem 2 anos que sou professor de informática para crianças numa ONG lá no Rio das Pedras. Para quem não conhece, é uma comunidade gigante do Rio de Janeiro. É o lar de milhares de pessoas incríveis, trabalhadores e gentis que sofrem com a pobreza e a violência. É lá que tenho atuado para tentar propagar a inclusão digital.

Em minha experiência como professor, aprendi muito mais que ensinei, sem exagero. Acho que as crianças realmente têm muito a nos ensinar sobre uma pá de coisas. Aprendi a fazer coisas no Roblox, conheci mangás muito interessantes e aprendi que é muito intrigante constatar que as mesmas crianças que vivem em uma situação de vulnerabilidade e violência, tem mais respeito e educação que aqueles que ocupam cargos de poder. Não falo aqui de educação enquanto saber acadêmico, falo da educação com o outro. Se o relato iniciado na primeira linha não te prova isso, deixa eu voltar no tempo um pouco.

Quando comecei esse trabalho, usava Binder durante 9 horas seguidas, contando desde a saída de casa, até a volta. Para quem não sabe, o Binder é um faixa de material cirúrgico de compressão, usado (por pessoas trans ou não) para diminuir o volume dos seios para diversas finalidades. Para mim, acreditava ser por conta da disforia, depois entendi que era por medo. Medo de ser lido como uma pessoa trans e assim poder sofrer com a violência do Rio de Janeiro. Tinha medo de ser maltratado, de ser mal olhado, medo de ser. Conforme o tempo foi passando, esse uso exagerado do Binder, me trouxe fortes dores na coluna, feridas, falta de ar, enjoo e até tontura. Já não era mais viável para minha saúde.

Disforia e magistério: relato de um professor transmasculino

MAGNUS MATTEO CARDOSO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Aceitar isso, era um problema. Me fez encarar todos meus medos de frente, meus receios e ansiedades. Pensei nas várias possibilidades, mas principalmente me questionei no porquê precisava passar por aquilo, se realmente me sentia mal com meu corpo ou se me sentia mal com a sociedade. A resposta você deve imaginar (ou não). Eu nunca odiei de verdade meu corpo ou meus seios, mas tinha uma linha de pensamento um tanto agressiva sobre:

“Eles me trazem desconforto e aquela sensação de não ser parte minha. Explicando por onde eu for que eu não sou um homem cis. Sendo um delator. Fazendo as pessoas me chamarem no feminino. Eu conquistei uma voz grossa, pelos faciais e o fedor que só a testosterona é capaz de produzir. Mas com esse par de intrusos, eu sou visto como trans na rua, e isso é horrível.”

Era isso que eu pensava, hoje, escrever isso me dá um pouco de vergonha. Como pude ser tão rude comigo mesmo? Eu nunca falaria ou pensaria isso de outra pessoa, então por que pensava sobre mim? A disforia foi imposta a mim com muita violência, mas quando percebi, contra-ataquei. O problema não estava nos meus peitos, estava na opressão cis heteronormativa contra minha existência. Não era um sentimento meu, contra meus seios. Estava redirecionando aos meus peitos, todo sentimento negativo que eu sentia por conta do “outro”.

Quero frisar que essa é minha experiência, eu sei que para muitas pessoas, o sentimento de disforia tem outros significados, afeta outros pontos da vida, e fere em pontos inimagináveis. Me solidarizo com essas dores, posso não ter sentido exatamente elas, mas imagino o quanto deve ser doloroso. De qualquer maneira, é importante pensar que nem toda disforia vem do mesmo lugar. Por isso é essencial se conhecer, se questionar e se permitir sentir. Acolhendo até mesmo, esse sentimento que nos tira o chão.

Como isso se liga ao caso com os alunos? Sinto que venci, o que era uma luta diária contra meu corpo, contra minha forma de ser, se tornou apenas ser. Hoje não uso o Binder, a não ser em ocasiões muito específicas. Não me sinto bem em chamar meus seios de “intrusos”, porque são partes minhas, gosto deles, e está tudo bem. Gostar deles não me faz “menos trans”. Sempre achei problemático usarem disforia como regra para ser trans ou não. Sentir tanta raiva

Disforia e magistério: relato de um professor transmasculino

MAGNUS MATTEO CARDOSO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

e repulsa contra uma parte minha, só me fez mal. É claro que não é uma escolha, mas com o tempo qualquer sentimento pode ser trabalhado.

Um exercício interessante foi perceber que na minha realidade de vida, ninguém se importa se tenho ou não peitos. Que tê-los não me faz inferior a ninguém, nem menos masculino. Nas ruas, existem olhares confusos, olhares de julgamento e a falta de olhar. Também existem olhares de admiração, desejo e amizade. Percebi também, que cada um está indo ao trabalho, assim como eu, preocupado com mil e uma coisas. Essas pessoas são as mesmas que voltam exaustas, no mesmo estado que eu, no mesmo BRT que eu. E assim como eu, elas só querem chegar em casa. E mesmo que alguém se importe em pensar algo ruim de mim, o problema é dela. Literalmente. Contando que essa pessoa não me faça mal, seja violenta ou não seja alguém importante para mim, não é problema meu o que ela pensa.

Essa é a minha realidade, e a forma como processei tudo que sinto e o que passei. Ser lido como trans para mim é motivo de orgulho. Não me sinto culpado por um dia desejar que não fosse visto assim, mas me sinto orgulhoso de ter construído uma relação melhor comigo mesmo, principalmente com meu corpo.

Cada pessoa tem sua experiência. E minha trajetória na sala de aula, não foi diferente. Ao parar de usar o Binder, percebi que não mudou a forma como era tratado. Os alunos me respeitam, gostam de mim porque sou um bom professor. A gente brinca, conversa, fala de anime e sobre a vida. E em nenhum momento nesses 2 anos, me perguntaram por que eu tinha peitos ou se eu era ou não era algo. Nunca me senti desrespeitado ou humilhado por ser quem sou na sala de aula. Eles apenas me têm como seu professor e amigo. Ainda não sentiram necessidade de perguntar e se um dia sentirem, estou aqui para acolher suas dúvidas.

Hoje entendo melhor o significado da palavra “Orgulho” para nossa comunidade. Eu tenho muito orgulho. Orgulho dessas crianças, de ser professor e principalmente, sinto muito orgulho de ser trans.

Disforia e magistério: relato de um professor transmasculino

MAGNUS MATTEO CARDOSO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 15 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025